

ECOLOGIA

A verdade de um 38

Perseguido por ameaças de morte, o seringueiro Osmarino Amâncio dispensa a polícia e anda armado

Na sexta-feira da semana passada, depois de um julgamento que durou 24 horas, em Xapuri, a 180 quilômetros de Rio Branco, no Acre, os irmãos Oloci e Darci Alves da Silva foram condenados a doze anos de prisão. Filhos do fazendeiro Darli Alves da Silva, eles eram acusados de tentar promover o massacre de um grupo de quase 100 seringueiros que no dia 26 de maio de 1988 estavam acampados na frente da sede do IBDF da cidade. Os irmãos atiraram a esmo e feriram dois seringueiros. A família Alves da Silva é bastante conhecida no lugar — contra o fazendeiro Darli e seu filho Darci pesa também a acusação de serem os responsáveis pela morte do seringueiro Chico Mendes, assassinado com uma bala calibre 12 no dia 22 de dezembro de 1988.

Um ano e meio depois, a 110 quilômetros do lugar onde Chico Mendes foi assassinado, reside seu sucessor nas campanhas em defesa dos seringueiros — Osmarino Amâncio Rodrigues, 33 anos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia. Nessa região do país que se tornou moda internacional graças ao apelo da ecologia e onde se porta uma arma com a mesma naturalidade com que se veste uma camisa na hora de sair de casa, Osmarino é um brasileiro que leva uma rotina bastante especial — a de uma pessoa marcada para morrer.

AVISO DE MORTE — Em novembro de 1988, por exemplo, ele foi seguido por dois estranhos armados que estavam em companhia do fazendeiro Benedito Rosas e do ex-sindicalista Gaston Carvalho da Mota, seus adversários locais. No dia 6 de abril do ano passado, à noite, um grupo de pistoleiros disparou três tiros contra os fundos de sua casa. Em maio de 1990, um tenente da própria Polícia Militar



ALEXANDRE SASSAKI

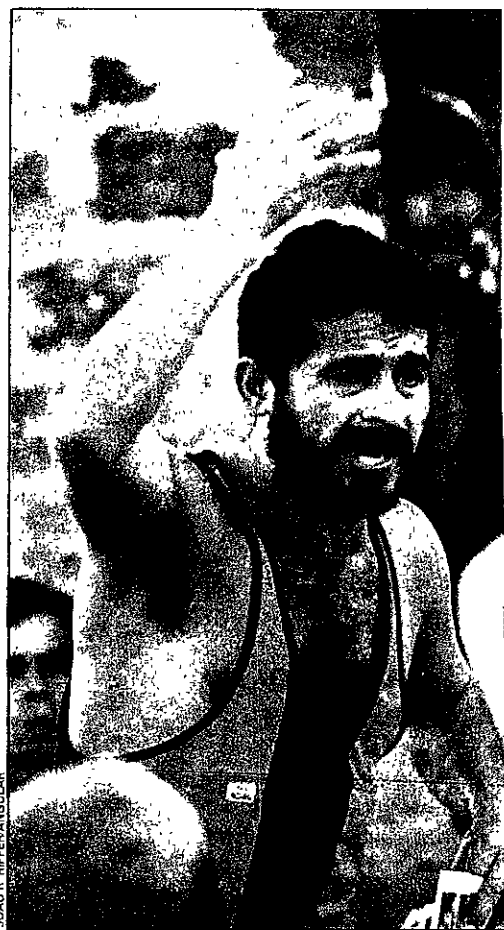
Ilzamar: dólares bloqueados

do Estado avisou o seringueiro de que ele era o primeiro de uma lista de 25 pessoas escaladas para morrer em breve. Um outro delegado de polícia alertou-o sobre um acordo entre um grupo de fazendeiros para selar a sua morte antes de 3 de outubro, dia das eleições.

“Até o secretário de Segurança do Acre, Carlos Alberto da Silva, me procurou quando soube que havia esse acordo de morte contra mim”, diz Osmarino. Desde então, a vida não é mais a mesma para esse neto de um nordestino que migrou para a região nos anos 40 como soldado da borracha. Por precaução, o seringueiro deixou sua casa, em Brasiléia, onde vivia sozinho, e tem passado as noites em lugares diferentes. Sua família, de quinze irmãos, continua vivendo na floresta. Analfabeto até os 16 anos, quando começou a frequentar as comunidades eclesiais de base, criadas pela Igreja Católica em Xapuri, ele é um autodidata que aprendeu a ler por esforço pessoal. Mais tarde, ingressou na corrente trotskista O Trabalho, de onde se afastaria em meados dos anos 80, hoje está filiado ao PT e é candidato a deputado estadual.

Típico cidadão que encarna boa parte das estatísticas sociais do país, Osmarino é uma pessoa que lê pouco, escreve com dificuldade e, quando fala, exibe notórios problemas com a língua portuguesa.

Ele costuma falar, por exemplo, “amazonensa” em vez de amazonense. A realidade, no entanto, é que, para seu auditório, Osmarino é um orador eficiente. “Quando comecei a vida de sindicalista, falava com calma”, conta ele. “Depois, descobri que tinha de falar grosso se quisesse conseguir alguma coisa.” Com físico musculoso de esportista pelo exercício de quinze anos carregando latas de látex nas costas, Osmarino costuma usar chine-



JOÃO R. RIFFERANGULAR

Osmarino: “Depois da morte de Chico...

los de dedo e, tempos atrás, já famoso, quase morreu ao ser picado por uma cobra venenosa. Bom contador de piadas, ele também deixou de lado duas de suas diversões preferidas — dançar forró e jogar peladas improvisadas com os amigos.

REVÓLVER NA LUVAS — Em matéria de segurança, seu comportamento é rigoroso. Ao contrário de Chico Mendes, que havia entregue sua segurança aos cuidados da polícia e morreu fuzilado a poucos metros de dois soldados da PM que, encarregados de protegê-lo, não dispunham sequer de um revólver que funcionasse, Osmarino criou uma guarda pessoal. Também conseguiu, depois de muita insistência, que a Polícia Federal lhe desse um porte de arma. Osmarino passa as 24 horas do dia em companhia de um Taurus 38 — na falta de um coldre, guarda a arma numa luva de lã. Sente-se mais seguro assim. “O Chico Mendes, que escapou de oito atentados, morreu depois de receber segurança policial”, explica o seringueiro. “Os pistoleiros vão pensar duas vezes antes de querer dar um tiro num sindicalista armado”, acredita ele.

Ao recusar a proteção oferecida pela Polícia Federal, Osmarino comporta-se como uma pessoa convencida de que o Acre ainda



...Mendes, seria ingenuidade confiar na polícia"

"Todo dirigente sindical na Amazônia deve ter direito a porte de arma. Os pistoleiros vão pensar duas vezes antes de atirar."

"Raoni tem boas intenções, mas está cercado de oportunistas."

"As pessoas da cidade têm uma visão ilusória da vida na Amazônia. Além da preservação, o que nós precisamos é de tecnologia e de mercados consumidores."

"Alguns grupos ambientalistas investem tudo o que arrecadam instalando escritórios nos Estados Unidos e em Brasília."

é um desses pedaços do Brasil que não têm lei — e o grave é que muitos dados lhe dão razão. Um relatório da Polícia Federal, enviado na semana passada ao Ministério da Justiça, em Brasília, revelou que o Acre tem, ao todo, 53 delegados de polícia, dos quais apenas catorze são bacharéis em Direito. Esse levantamento sobre as condições de policiamento nos 970 000 hectares da reserva Chico Mendes, uma área destinada ao extrativismo e onde são constantes os conflitos com os fazendeiros, constata que seriam necessários pelo menos mais 200 homens para manter a ordem.

Segundo o relatório, nos cinco municípios que integram a reserva — Xapuri, Brasiléia, Assis Brasil, Senador Guiomar e Sena Madureira —, a polícia dispõe de apenas quatro viaturas e quatro telefones para o serviço. Além disso, faltam promotores em quase todas as comarcas, o que torna impossível qualquer ação concreta da Justiça. O resultado dessa ausência quase absoluta da lei é que, nos últimos dez anos, cinco líderes sindicais foram assassinados no Acre e outros trinta sofreram atentados.

DÓLARES — Há um outro componente na paisagem do Acre — os dólares. Atraído pelos macacos, araras e árvores da região,

que tanto sucesso fazem no exterior e nas grandes cidades brasileiras, é um dinheiro que chega em quantidades incalculáveis num dos lugares mais miseráveis do país, onde a maioria das ruas não tem asfalto, poucas casas dispõem de luz elétrica e mais de 60% dos empregos disponíveis são oferecidos pela máquina do governo. Após a tragédia de Chico Mendes, a correnteza de dinheiro tornou-se ainda maior. Apenas pela renda dos direitos de filmagem da vida do seringueiro, pagou-se 750 000 dólares, soma equivalente à arrecadação total da prefeitura de Rio Branco, que tem 200 000 habitantes, em um mês. Como se sabe, uma prefeitura tem uma pesada conta de despesas fixas para pagar no fim do mês — e pouco dinheiro lhe sobra para gastar em novos investimentos.

Já a Fundação Chico Mendes, à qual se desti-

na 70% da verba do filme, é uma entidade privada com pouco mais de um ano de existência e possui um modesto quadro de meia dúzia de funcionários. Em termos práticos, isso significa que tem um dos caixas mais gordos da região. Até agora, contudo, ainda não colocou a mão na maior parte do dinheiro. Numa briga em que se misturam argumentos paroquiais e horizontes milionários, as entidades ambientalistas que integram a fundação entraram com uma ação na Justiça, conseguiram bloquear o dinheiro e destituíram a viúva de Chico Mendes, Ilzamar Gadelha, da presidência da entidade. A decisão de vender todos os direitos de exploração da imagem do sindicalista foi tomada por Ilzamar, sem consulta às entidades ambientalistas. "A Ilzamar começou a dizer que queria fazer a sua vida e mandou o movimento dos seringueiros para as cucuias", acusa Osmarino. "Ele é um irresponsável", diz Ilzamar. Outra briga separa Osmarino e o escritor Márcio Souza, encarregado de fazer o argumento do filme sobre o sindicalista. "O Márcio Souza é um picareta", diz Osmarino. O escritor, que já publicou um livro chamado *Os Empates contra Chico Mendes*, rebate a acusação. "Sou amazonense e há 25 anos venho desenvolvendo trabalhos sobre a região", afirma Márcio Souza. "Meu interesse pela publicação do livro não é momentânea."

"Existe mesmo um risco de a causa ecológica virar um grande negócio, porque tem muita gente querendo ir nessa onda", afirma a presidente do Instituto de Estudos Amazônicos, Mary Helena Alegretti. A própria Mary Allegretti recebeu denúncias de que entidades internacionais de preservação do meio ambiente estão se valendo dos problemas dos seringueiros brasileiros para arranjar dinheiro. Só o cantor Sting, na sua peregrinação pelo mundo com o cacique

Raoni, deve ter arrecadado algo em torno de 1,5 milhão de dólares, segundo cálculos de Mary Allegretti. Esse dinheiro foi gasto na instalação de escritórios para a entidade nos Estados Unidos e em Brasília — nada ou muito pouco foi transferido para os índios. Também em nome da ecologia o governo de Rondônia teria conseguido um financiamento de 200 milhões de dólares do Banco Mundial para aplicar num projeto na região — o financiamento, porém, está suspenso temporariamente.



Darli: o pistoleiro fugiu

A selvageria nas cidades

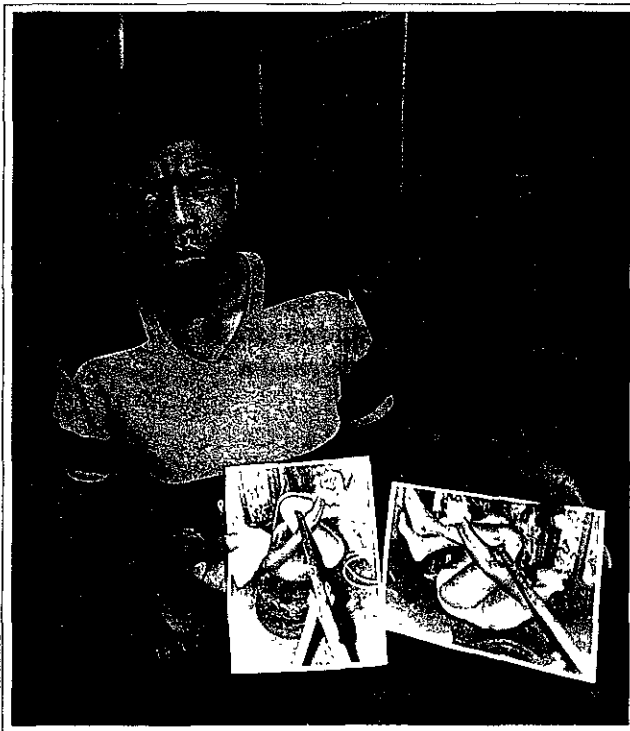
Anistia lança dossiê sobre o Brasil

Na semana passada, a Anistia Internacional colocou sob o seu foco a questão da violência policial no Brasil. Seu relatório, intitulado "Acima da lei: tortura e execuções extrajudiciais nas cidades brasileiras", é um documento que narra cinquenta casos que chocam pela crueldade e pelo clima geral de impunidade. Aos brasileiros que gostam de imaginar que só se fala mal do país, hoje em dia, por causa das queimadas na Amazônia, o relatório da Anistia vale como um aviso — o Brasil também está ficando famoso pela brutalidade de sua polícia.

Num dos casos relatados, a tortura do gari Antonio Clóvis Lima dos Santos, conhecido como "Doge", foi documentada com fotos e gravações pelos próprios policiais que participavam da violência em cenas ocorridas nas dependências do Palácio da Polícia, em Porto Alegre. Outro episódio ocorreu na cidade de Muaná, a 150 quilômetros de Belém. Um cabo e um soldado da PM local decidiram interrogar o menor Jeremias de Souza Santos usando a técnica do espancamento e do choque elétrico. Jeremias morreu sem falar — era surdo-mudo e doente mental. Em São Paulo, a Anistia debruçou-se sobre o caso do massacre da cela-forte, no qual 51 presos foram comprimidos dentro de um cubículo de 4,5 metros quadrados e que terminou com a morte por asfixia de dezoito deles. "Não é possível combater o crime com métodos criminosos", alerta Patricia Feeney, da Anistia, que esteve no Brasil para lançar o relatório.

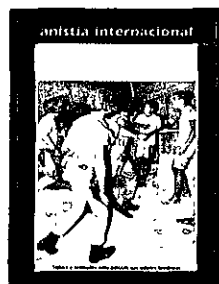
Os cinquenta casos narrados dão uma boa idéia do que é o cotidiano de violência no país. Existem números que ajudam a mostrar que não são apenas os bandidos que matam muito — a própria polícia também contribui para ampliar a população dos cemitérios. Numa cidade como Nova York, por exemplo, as

ações policiais têm uma estatística precisa — ali, costumam morrer oito bandidos (ou suspeitos) para cada policial morto. Em Chicago, a proporção é de sete para um. Em São Paulo, a relação é de catorze por um. No ano passado, 585 pessoas foram mortas no curso de ações policiais — contra cerca de quarenta mortes no quadro da polícia paulista. Os policiais paraenses que torturaram e mataram um surdo-mudo estão impunes, pois ninguém se apresentou



Doge, com as fotos da tortura: policiais impunes

na Justiça para testemunhar o caso. O processo sobre o gari Doge, massacrado em Porto Alegre, encerrou-se sem punições — única testemunha da violência que sofreu, Doge foi assassinado dezoito dias antes de dar seu depoimento definitivo e os suspeitos continuam a trabalhar na polícia gaúcha. O relatório da Anistia saiu em boa hora. Apenas no eixo Rio—São Paulo, por exemplo, ocorrem mais de 13 000 homicídios por ano — num país em guerra civil como o Líbano estima-se que 100 000 pessoas morreram no prazo de quinze anos.



DNOCS DOS ANOS 90 — Mesmo com a condenação dos Alves da Silva por um de seus crimes de interesse internacional sobre os seringueiros e do dinheiro desviado para a causa ecológica, o Acre pouco havia mudado na semana passada. O caso Chico Mendes, por exemplo, ainda tem muitos mistérios. A principal testemunha de acusação contra o fazendeiro Darli e seu filho Darci, o seringueiro José Brito, empregado dos mandantes do crime, foi assassinada no dia 22 de janeiro deste ano na frente da sua casa, em Xapuri, e, até agora, a polícia não tem sequer uma pista dos criminosos. "Muitos implicados na morte do Chico Mendes e de outros sindicalistas ainda estão livres", afirma a advogada Suely Belato.

Para o delegado Nilson Oliveira, que preside o inquérito contra Darli e Darci, o autor do disparo contra o seringueiro, na verdade, foi o pistoleiro Jadeir Pereira, que está foragido — assim como Alvarino Alves da Silva, irmão de Darli. Darci e Darli seriam apenas os mandantes. Não se sabe também quem ajudou na preparação do crime contra Chico Mendes — e tampouco se conseguiu avançar nas investigações sobre as personalidades que tramam contra a vida de Osmarino.

Com sua floresta e seus mártires, o Acre pode transformar-se numa versão do Nordeste brasileiro dos anos 90. Como se sabe, durante décadas a seca nordestina foi assunto obrigatório nos discursos dos governantes, que até criaram o Dnocs, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca. Bem ou mal, nunca faltou dinheiro nem emprego para esse órgão — faltavam recursos para os próprios nordestinos, que eram obrigados a embarcar em caminhões paude-arara e tentar a sorte no sul do país. Os dólares que hoje chegam ao Acre garantem financiamento para projetos oficiais, colocam de pé entidades que funcionam como cabide de emprego para fãs do Santo Daime, antropólogos, sociólogos, ecólogos e curiosólogos. Até o presidente Fernando Collor tem seu ambientalista de plantão, o professor José Lutzenberger. Para os seringueiros humildes, no entanto, sobra muito pouco. Tão pouco que mesmo o mais conhecido deles nos dias de hoje, Osmarino Amâncio, que anda pela região a bordo de uma Toyota e já viajou para países dos quais nunca ouvira falar na infância, como Estados Unidos e Dinamarca, só tem um meio para sair à rua sem medo de ser fuzilado e não poder sequer reagir — carregar um 38 numa luva de lã.